

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: O MUSICAL

1 de Junho de 2026

IN SKANDAL IN BUDAPEST / 1933

UM ESCÂNDALO EM BUDAPESTE

um filme de GEZA VON BOLVARY, STEFAN SZEKELY

Realização: Geza von Bolvary, Stefan Szekely *Argumento:* Kari Noti *a partir da peça de* Laszlo Farágo *Direcção de Fotografia:* Stefan Eiben *Música:* Nikolaus Brodzky *Interpretação:* Franziska Gaal (Eva), Paul Hörbiger (Paul Murray), Szoke Szakall (secretário de Paul Murray), Ursula Grabley (Tina), Oskar Sima (Roland), Lotte Spira (Mrs. Balogh), Olga Engl, Lotte Stein, Else Reval, Karl Huszar Puffy, Werner Pledath (Balogh), Hermann Blass, Egon Brosig, Alexander Goth, Hans Reimann.

Produção: Hunnia-Film, Deutsche Universal Film (Alemanha, Hungria, 1933) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, legendada em português, 82 minutos *Estreia em Portugal:* 18 de Fevereiro de 1939, no cinema Central (Lisboa).

Aviso

A cópia que vamos exhibir, da época da estreia portuguesa do filme, tem um ruído de fundo constante, embora ligeiro, na banda de som.

A “deliciosa comédia alemã” estreou no Central pelo Carnaval de 1939, quadra que foi julgada adequada para esta, “como tantas outras (comédias) da mesma origem, um espectáculo interessante e risonho”. Assim reza a breve nota que UM ESCÂNDALO EM BUDAPESTE então mereceu no número 549 da revista *Cinéfilo*. A intenção risonha e ligeira permanece intacta e aí está o filme dos húngaros Geza von Bolvary e Stefan Szely como exemplo de um género em voga pelas paragens e a época da sua produção, a das operetas musicais dos anos 1930 germânicos.

Franziska Gaal, chegada com grande popularidade ao cinema vinda do meio do espectáculo dos anos 1920 e 30, interpreta o papel de Eva, a rapariga de boas famílias que deixa o ambiente campestre para embarcar numa viagem a Budapeste com a intenção de acompanhar uma amiga na feliz data do seu casamento e aí se perde de amores por um pianista de renome e duvidosa reputação sedutora. Gaal estreou-se e tornou-se famosa pela mão do produtor Joe Pasternak, ainda criança, como cantora em filmes do género, tendo terminado a carreira na América, onde participou em algumas produções de Hollywood (em 1938, em *THE BUCCANNER*, de Cecile B. DeMille contracena com Frederic March) e fez outras tantas incursões na Broadway. Aqui canta em alguns breves números e empresta todo o encanto à personagem da rapariguinha apaixonada.

Não é a única estrela. Em UM ESCÂNDALO EM BUDAPESTE brilha também S.Z. Szakall, com a bonomia que se recorda dos muitos filmes em que interpretou inesquecíveis “secundários” (à cabeça, *CASABLANCA* onde contracena com Bogart), aqui assistindo o jovem pianista mulherengo em cuja vida tenta pôr alguma ordem. Lembre-se que Szakall (nascido Eugene Gero Szakall em Budapeste, em 1884) começou no teatro em meados dos anos 1910 e estreou-se no cinema em *RUTSCHBAHN* (1928), tornando-se “presença assídua” dos filmes alemães até que a subida ao poder do partido nazi o levou, a ele, até à Áustria e à Hungria. Hollywood veio mais tarde, por altura da Segunda Guerra Mundial. Foi Joe Pasternak quem o contratou para o seu primeiro papel longe da Europa (*IT’S A DATE*, 1940) e Szakall repetiu na América, primeiro na Universal, depois na Warner Bros., o êxito que já obtivera no continente europeu. Há deixas que ficaram célebres... “Sheeesh!” ou “Nya! Nya! Nya!” e por graça costuma dizer-se que o actor participou em mais filmes musicais do que qualquer vedeta dos musicais.

Fazendo jus ao género de filmes em cuja tradição se filia, UM ESCÂNDALO EM BUDAPESTE progride com ligeireza e está tão salpicado de canções como de números cómicos, uns e outros discretos. O grande “palco” é o do Hotel Atlântico, onde os enganos e os encontros decisivos se dão, com duas ou três bofetadas pelo meio. É com elas que Eva, ida para convencer o noivo da amiga, director do hotel, da pouca honrada conduta com a qual pauta os sucessivos adiamentos do casamento anunciado com Tina, precipita os acontecimentos que a põem na berlinda. Repare-se, então, no número da cabina telefónica (incluída a recomendação do chapéu que se deve tirar na presença de uma senhora), no da bengala ou no das pantufas nº 40... Mais subtil é a elipse da conversa entre os dois homens confundidos pela rapariga, revelada durante a subida de elevador em que a câmara fica a olhar a indicação do mostrador dos andares. Quando o romance finalmente começa, a porta fecha-se e a legenda final põe termo à história.

Maria João Madeira